

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



Mas, autênticas ou não, mereciam igual tratamento, pelo simples facto de serem poesias a documentar uma época. Por exemplo, a que tem o n.º 2 está cheia de alusões à Sagrada Escritura; e o n.º 3 tem várias remissões para mitos clássicos: Tersites, Orestes, e a «esposa de Heitor». É pessimista e exagerada a sua concepção dos efeitos do dinheiro sobre a mulher. Vejam-se dois dísticos elegíacos (vv. 47-50) onde nem a fiel e perseverante Penélope escapa à crítica:

dona truces animos et uerba seuera relaxant:

Penelope donis altera Thais erit.

sed iam Thais erit Iunone seuerior ipsa,

si nullas habeat pulcer amator opes.

A identificação destas personagens, ainda que fácil para um classicista, merecia uma breve anotação. Sobre Tais cf. A. da Costa Ramalho, *Humanitas XVII-XVIII* (1965-66) pp. 262 e 365. Esta personagem não deve ser confundida com a penitente Táisis (vulgarmente chamada Tais, v.g. Anatole France no romance *Thais*, Paris, 1890), cuja história foi traduzida por Pascásio de Dume (LVII, 4) e a que nós fizemos referência no I tomo de *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, pp. 18-24 (Coimbra, 1971).

J. G. F.

COLUMBA M. BATLLE, Die «Adhortationes Sanctorum Patrum» («Verba Seniorum») im lateinischen Mittelalter, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster, 1972, XIX + 340 pp.

Quando estávamos a terminar esta série de recensões, veio ter-nos ainda à mesa de estudo um livro por que há muito esperávamos. Com efeito, quando nós começámos a estudar, em 1963, a obra de Pascásio (Livro VII das *Vitae Patrum*) deparámos logo na bibliografia inicial com C. M. Batlle, que desde 1956 a 1963 se dedicara intensamente à tradução dos apotegmas dos padres do deserto, feita por Pelágio e João (Livros V e VI das *Vitae Patrum*). Era natural que, procurando a transmissão manuscrita de Pelágio-João, encontrasse Batlle muitos códices em que se seguia a obra de Pascásio. Em contrapartida, enquanto nós pesquisávamos, em catálogos e bibliotecas ricas em manuscritos, o texto de Pascásio, muitas vezes encontrámos também, ora antes ora depois, a obra de Pelágio-João. Durante anos Batlle nos comunicou a existência de vários manuscritos que nos interessavam e nós demos-lhe também listas de códices que podiam igualmente integrar-se no seu trabalho.

Confessa Batlle no prefácio, datado de 1968, que a sua primeira intenção foi estabelecer o texto crítico da versão latina atribuída a Pelágio-João. Foi por

influência do Prof. B. Bischoff que o seu estudo se voltou mais para os aspectos históricos da sobrevivência desta versão latina ao longo de toda a Idade Média. A edição crítica foi, pois, posta de parte. Se, para realizar o presente trabalho Batlle precisou de mais de uma dúzia de anos, a edição crítica de um texto tão longo e com tão ampla transmissão manuscrita arrastaria a publicação desta tese de doutoramento pela Universidade de Munique para muito mais tarde. E foram certamente complicações burocráticas, académicas e imprevistos editoriais os responsáveis por que uma obra terminada em 1968 só em 1972 viesse a público em *Beiträge zur Geschichte des alten Mönchtums und des Benediktinerordens*, (Heft 31, Abtei Maria Laach).

Na *introdução* (pp. 1-15) estuda Batlle as mais antigas referências histórico-literárias às *Vitae Patrum*, primeiro sob uma designação vaga, depois indicando alguns «padres» em particular e em seguida aos apotegmas («verba seniorum»), principalmente à colecção cuja tradução os manuscritos atribuem a Pelágio e João, a que foi dado o título do primeiro capítulo: *Adhortationes sanctorum patrum ad profectum perfectionis monachorum*.

A pesquisa dos códices é dividida em duas secções: 1 — Enumeração dos manuscritos que têm completa ou em texto seguido a versão de Pelágio-João (pp. 16-69). Batlle conta 112 manuscritos, alguns dos quais, sobretudo os que pôde examinar pessoalmente em Espanha, Áustria e Alemanha, vêm descritos com maior minúcia. 2 — Inventariação de 263 códices (pp. 70-138) que contêm fragmentos ou resumos das *Adhortationes*, estes no geral muito sumariamente indicados. Após uma breve organização, em grupos, dos códices descritos (pp. 138-140), acrescenta-se um apêndice (pp. 140-150) de uns 80 manuscritos que, contendo *excerpta ex Vitae patrum*, possivelmente poderão incluir fragmentos de Pelágio-João. É inegável o labor exigido por este capítulo. Note-se, todavia, que não foi organizado um *stemma codicum* e que muitos manuscritos só são conhecidos de Batlle através dos catálogos. Todos quantos trabalharam em temas deste género sabem como os catalogadores (não podendo ser especialistas em tudo) deixam de registar muitas peças literárias que nos interessam. Pior ainda, há catalogadores que não dão pelo *explicit* de certas obras e muito menos pelas interpolações frequentes que alteram a genuinidade das transmissões manuscritas. Nestas condições o estudioso perde elementos de trabalho.

Muito interessantes são o capítulo III (pp. 150-207) sobre a presença das *Adhortationes* em catálogos medievais, que descrevem ou enumeram muitos manuscritos que em séculos posteriores se perderam, e o cap. IV (pp. 208-297) sobre a influência e reminiscência dos apotegmas, principalmente dos traduzidos por Pelágio-João, na literatura medieval, desde S. Bento até à Idade Moderna, mencionando-se em último lugar as referências que lhes faz Lutero. É evidente que este paciente estudo histórico, por mais exaustivo que pretenda ser, está sempre sujeito a omissões. Da Idade Média portuguesa só é mencionado Teotónio ou Telo de Coimbra (p. 230). Tudo o mais, quer em latim quer em português, ficou por estudar. Só este último tema daria, por certo, para uma frutuosa pesquisa, em parte já iniciada pelos nossos medievistas, como Mário Martins.

O resumo e conclusão (pp. 298-304) acentuam a época em que as *Adhortationes* foram traduzidas (entre 535 a 556), a sua área de expansão progressiva ao longo de 1 000 anos e a sua projecção literária.

O leitor tem, por fim, à sua disposição, muito úteis índices: alfabético de manuscritos (pp. 305-314), de bibliotecas medievais (pp. 314-325) e de nomes de pessoas, lugares e assuntos (pp. 325-340).

Dos manuscritos existentes em Portugal apenas dois contêm fragmentos das *Adhortationes*: o de Lisboa, Bibl. Nac. 454 (séc. XIII) e o de Évora, Bibl. Públ. CXXXIX/1-12 (séc. XIV). Do conteúdo de ambos tivemos o prazer de dar a Batlle uma identificação pormenorizada. De estranhar que a opinião sobre o Livro III das *Vitae Patrum* (p. 10) se limite ao resumo dos dados tradicionais, pois Batlle não só cita uma comunicação nossa de 1966, ao Congresso de S. Frutuoso (pp. 4 e 10), como pessoalmente lhe enviámos, certamente antes de 1968, a conclusão a que nos levou o exame da transmissão manuscrita e de que demos notícia na nossa tese sobre Pas-cásio (cf. II tomo, pp. 167-253).

A obra do Dr. Columba Maria Batlle tem para nós tanta importância que precisaremos de meses de estudo e de confronto para anotar todos os elementos fornecidos em cerca de 500 manuscritos em ordem ao estudo dos Livros III e VII das *Vitae Patrum*. Por outro lado, como trabalhamos sobre microfímes dos códices por nós descritos, não só poderemos dilucidar dúvidas postas por Batlle como indicar-lhe novos manuscritos de que vamos tendo conhecimento.

O trabalho realizado pelo ilustre catalão passa a ser imprescindível para a apreciação dos problemas levantados (e agora resolvidos) pelos Livros V e VI. Quando houver oportunidade de lançar a edição crítica do texto (que continua a fazer falta e para a qual o Autor deste livro está bem preparado) os estudos de patrologia, de história e de literatura medieval ficarão a dever a C. M. Batlle mais um valioso instrumento de labor científico. Por quanto já foi feito, vivamente o felicitamos.

J. G. F.

H. D. F. KITTO, *A Tragédia Grega. Estudo Literário*. Tradução do inglês e Prefácio de Dr. José Manuel Coutinho e Castro... I Vol., pp. 1-336; II Vol., pp. 1-384. Coimbra, Arménio Amado — Editor, Suc., 1972.

Foi com prazer que vimos publicada, em tradução portuguesa, a *Greek Tragedy* de Kitto, por ser uma obra — como muito bem se reconhece no *Prefácio do Tradutor* (p. 5) — que interessa sobremaneira «a quantos em Portugal se dedicam ao assunto, desde profissionais do Teatro até aos estudantes e professores de Cultura Clássica, passando pelo público em geral empenhado em enriquecer os seus conhecimentos.» Louvamos a iniciativa e sabemos apreciar o enorme esforço que representou para Coutinho e Castro o meter ombros a uma tal empresa, porquanto não